

A concordância nominal de número no português falado em Macapá-AP

The nominal number agreement in the portuguese spoken in Macapá-AP

Débora Laís Cardoso da Silva¹

Universidade do Estado do Amapá

Romário Duarte Sanches²

Universidade Federal do Amapá

Resumo: O presente trabalho busca investigar a utilização da concordância nominal de número no português falado em Macapá-AP. Os estudos sociolinguísticos têm mostrado que este fenômeno apresenta variação linguística, isto é, o mesmo falante pode oscilar entre as marcas formais de plural e a ausência delas, a depender do contexto comunicativo em que ele se encontra: formal ou informal (Nina, 1980, Scherre, 1988; Naro; Scherre, 2006; Brandão, 2011; Martins, 2010; Ribeiro, 2019). Consonante a isso, esta pesquisa tem como base a Sociolinguística Variacionista (Labov, 2008) e conta com o banco de dados orais do *Projeto Variedades linguísticas faladas no Amapá*. Assim, foi selecionado um total de 16 informantes, considerando os fatores sociais: sexo (feminino e masculino), idade (geração A: 16-30 anos e geração B: acima de 40 anos) e escolaridade (fundamental e médio). Consideramos também os fatores linguísticos como: a posição do elemento no interior do sintagma nominal (posições pré-nucleares, nucleares e pós-nucleares) e a localização do sintagma nominal em relação ao verbo (à esquerda, à direita ou indistinta). Para análise sociolinguística, utilizamos o programa estatístico goldvarb X que evidenciou um total de 1.033 ocorrências de sintagmas nominais. Desse número, obtivemos 75,4% de realizações de marca de plural e 24,6% de ausência. Identificamos que os fatores sociais idade e escolaridade são suscetíveis à manutenção de marcas de número; além disso, no que consiste aos fatores linguísticos, os elementos pré-nucleares e os SNs localizados à esquerda do verbo tendem a condicionar a concordância nominal de número na fala de macapaenses.

Palavras-chave: Sociolinguística; Variação Morfossintática; Concordância Nominal.

Abstract: The present study aims to investigate the use of nominal number agreement in the spoken Portuguese in Macapá-AP. Sociolinguistic studies have shown that this phenomenon presents linguistic variation, that is, the same speaker can oscillate between the formal plural marks and their absence, depending on the communicative context in which he finds himself: formal or informal (Nina, 1980, Scherre, 1988; Naro; Scherre, 2006; Brandão, 2011; Martins, 2010; Ribeiro, 2019). In line with this, this research is based on Variationist Sociolinguistics (Labov, 2008) and relies on the oral database of the Project Linguistic Varieties Spoken in Amapá. Thus, a total of 16 informants were selected, considering the following social factors: gender (female and male), age (generation A: 16-30 years and generation B: over 40 years) and schooling (elementary and high school). We also consider linguistic factors such as: the position of the element within the noun phrase (pre-nuclear, nuclear, and post-nuclear positions) and the location of the noun phrase in relation to the verb (left, right, or indistinct). For sociolinguistic analysis, we used the statistical program goldvarb X, which showed a total of 1,033 occurrences of noun

¹Graduada em Letras-Português pela Universidade do Estado do Amapá (UEAP). E-mail: deboralaisueap@gmail.com

²Doutor em Letras pela Universidade Federal do Pará (UFPA), Professor Adjunto da Universidade Federal do Amapá (UNIFAP). E-mail: romario.duarte@unifap.br

phrases. Of this number, we obtained 75.4% of plural brand accomplishments and 24.6% of absences. We identified that the social factors age and schooling are susceptible to the maintenance of number marks; in addition, about linguistic factors, the pre-nuclear elements and the SNs located to the left of the verb tend to condition the nominal number agreement in the speech of Macapaenses.

Keywords: Sociolinguistics; Linguistic Variation; Nominal Agreement.

Recebido em 3 de abril de 2024.

Aprovado em 22 de julho de 2024.

Introdução

A gramática normativa estabelece a forma padrão do português e como devemos usar tais regras. O conjunto dessas regras normativas contrapõe o fato incontestável de que a língua é um fenômeno heterogêneo e sofre variações na medida em que seus usuários a colocam em prática em um determinado contexto sócio-histórico e cultural.

Sobre o ensino da gramática normativa, Brandão e Vieira (2019) mostram que muitas vezes é a gramática normativa que prescreve normas que serão válidas em todos os contextos, não levando em conta a variação em qualquer dimensão ou nível. Assim, para um usuário da língua comum, não existe variação linguística, apenas uma dicotomia entre o “certo” e “errado”. Nesse sentido, a gramática normativa vê a língua como um objeto homogêneo e imutável.

Diferente do que supõe a gramática normativa, devemos considerar o número de estudos que investigam fenômenos linguísticos baseados na Sociolinguística, sobretudo, no âmbito da concordância nominal. Dependendo do contexto de uso e circunstâncias da comunicação, a fala pode ser mais informal, dessa forma, o uso da concordância, seja ela nominal ou verbal, tende a adaptar-se durante esse processo comunicativo, isto é, pode existir a concordância ou não.

Conforme Scherre (1988), o mesmo falante pode oscilar entre as marcas formais de plural e ausência delas; desse modo, em uma situação comunicativa informal, os substantivos, na maioria dos casos, não recebem marcação de plural. No entanto, os constituintes que se encontram à esquerda do sintagma nominal, como artigos ou pronomes são mais marcados; outro aspecto levantado por ela, está relacionado ao numeral, pois ele desfavorece a marcação formal do elemento seguinte.

Ruminando tais pontos abordados, de acordo com os pressupostos teóricos e os procedimentos metodológicos fornecidos pela Teoria da Variação e Mudança - TVM

(Weinreich; Labov; Herzog, 1968), a língua falada passou a ser objeto de estudo, contrariando teorias anteriores que entendiam a língua de forma estrutural, em uma comunidade linguística homogênea, não levando em consideração fatores externos a ela. No que tange à concordância nominal, Perini (1989) afirma que a concordância nominal seria uma harmonização de flexões entre todos os constituintes de uma sentença, logo, a harmonia se daria quando todos os elementos concordam entre si.

Nesse contexto, conforme Scherre (1988), essa harmonização pode ser percebida por meio do que ela denomina como “análise atomística” em que cada um dos constituintes flexionáveis do sintagma nominal (doravante SN) detectados nas amostras de fala, é objetos de análise. A partir disso, busca-se descrever quais mudanças atuam particularmente sobre cada componente do SN, determinando assim a “solidariedade” entre os constituintes.

Nesse contexto, o presente trabalho investiga a variação da concordância nominal de número no português falado em Macapá-AP. A pesquisa foi realizada com base na Sociolinguística Variacionista (Labov, 2008) e contou com o banco de dados orais do *Projeto Variedades linguísticas faladas no Amapá*, que culminou no livro *Falares da Amazônia Amapaense* (Sanches et al., 2023).

Este trabalho justifica-se pela ausência de pesquisas no âmbito da variação morfossintática no Amapá, tendo em vista que durante muito tempo os trabalhos publicados baseavam-se na Geolinguística com foco em variação fonética e lexical. Por esse motivo, estudos na perspectiva da Sociolinguística ainda são recentes, principalmente ao se tratar da descrição morfológica e sintática do português falado em Macapá.

O artigo está dividido em cinco seções. Na primeira, introduzimos o assunto abordado; na segunda, mostramos o aparato teórico adotado e estudos sobre variação da concordância nominal de número; na terceira, apresentamos os procedimentos metodológicos da pesquisa; na quarta, discutimos os resultados encontrados e, por fim, na última seção, tratamos das considerações finais.

1. Sociolinguística Laboviana

Este estudo utiliza como aparato teórico-metodológico a Sociolinguística Laboviana. A relação entre língua e sociedade é objeto de estudo de pesquisadores da área da Linguística desde o século XIX, contudo foi somente com os escritos de William

Labov e a publicação de seu livro *Padrões Sociolinguísticos* (1972) que essa relação se tornou uma subárea da Linguística. Desse modo, Labov (2008) apresenta um novo modelo de análise que contrapõe as perspectivas teóricas vigentes no século XX, embasadas no pensamento estruturalista proposto por Ferdinand Saussure (1916) e gerativista postulados por Noam Chomsky (1965).

Nesse contexto, ambas as perspectivas prezam pelo estudo da língua considerando o seu próprio sistema, sem levar em consideração fatores exteriores a ela. Conforme Costa (2008), para Saussure toda motivação para além da língua, deveria ser descartada. Dessa forma, para realizar estudos linguísticos é necessário enfatizar nas relações internas produzidas pela língua, essa ideia é denominada de estudo imanente da língua, em que o sistema linguístico é compreendido como uma estrutura e não como uma forma de manifestação maleável do discurso. Outra análise formalista foi proposta por Chomsky (1965) que além de conceber a língua como estrutura, o autor a interpreta como algo racional, dedutivo e cognitivo. Assim, para ele, a língua como objeto de estudo relaciona-se com a competência linguística do falante-ouvinte ideal, ou seja, a língua é estudada sem levar em consideração a utilização dos contextos reais de uso.

Em contrapartida, Labov (2008) compreende que a língua é diversificada, que as manifestações orais alternam conforme a situação comunicativa e o contexto no qual o falante está inserido. Assim, não existe um “falante-ouvinte ideal”, para o autor, a língua é um sistema heterogêneo, ordenado e estruturado, em que se destacam as regras variáveis condicionadas por fatores intralinguísticos e extralinguísticos.

Os fatos linguísticos apresentados nesta pesquisa de cunho variacionista foram analisados sob a luz da Teoria da Variação e da Mudança (Weinreich; Labov; Herzog, 1968; Sankoff; Tagliamont; Smith, 2005; Labov, 2008 [1975]). Destacamos os respectivos pressupostos: (i) a heterogeneidade da língua faz parte do sistema linguístico, ordenada e inerente ao sistema, governada por restrições sociais e linguísticas; (ii) o falante nativo de uma comunidade de fala é responsável por administrar a variação linguística no plano do sistema monolíngue; em outras palavras, dependendo do contexto situacional, regional ou social, ele pode adaptar sua linguagem; (iii) fatores linguísticos e sociais são interdependentes e são essenciais na compreensão da variação da língua. Análises que não integrem esses fatores correm o risco de não captarem, de forma mais abrangente, as regularidades observadas nos estudos de variação e padrão do uso da linguagem; (iv) mesmo as variantes de um fenômeno linguístico variável apresentarem

alguma aleatoriedade, ainda possuem o mesmo valor de verdade ou significado referencial básico, e, por assim dizer, há compreensão mútua dentro da comunidade de fala; (v) nem toda variação é um ponto de partida para a mudança, porém toda mudança é antecedida de variação; (vi) em relação à explicação dos fatos linguísticos variáveis, os motivadores externos e/ou internos podem estar em competição, essas interações e influências podem estar fora do sistema linguístico; (vii) os dados analisados para estudo do fenômeno variável observado devem ser produções linguísticas em situações reais, isto é, a intuição não deve ser usada como base desses dados; (viii) é fundamental considerar a natureza diversificada das motivações internas/externas, tendo em vista que os dados linguísticos analisados são em contextos reais; (xix) a coleta de dados para análise pode ser entrevista sociolinguística, conversas espontâneas, gêneros escritos diversos; o foco é a compreensão do vernáculo. Nessas formas de uso da língua, há pouca atenção ao monitoramento da fala, assim, a mudança linguística pode ser observada e analisada de maneira mais evidente; (x) alguns padrões linguísticos podem ser não evidentes em amostras pequenas; por isso, podem necessitar de dados massivos, implicando no tratamento quantitativo do fenômeno variável observado em função das variáveis independentes, mediante de métodos estatísticos.

Labov (2008) ressaltou a relação entre língua e sociedade, além da perspectiva de sistematizar a variação que existe na fala. Em *Martha's Vineyard*, ele percebeu que a variante não-padrão era mais adotada por falantes nativos daquela comunidade, mostrando uma atitude positiva em relação à ilha, diferenciando o falar dos nativos da comunidade dos turistas. Já em sua pesquisa sobre /r/ em posição pós-vocálica, realizada em três lojas de departamento, em Nova York, o pesquisador teve como resultado das análises a demonstração de que a ausência do /r/ era estigmatizada socialmente, por outro lado, sua presença era uma variante de prestígio. Outra análise significativa constatou que quanto maior fosse o status social dos falantes, maior era o uso frequente do /r/.

Diferente das principais teorias linguísticas na época, que apontavam para intensa variação livre, os estudos de Labov evidenciaram relações ordenadas na variação. Esses resultados foram essenciais para os princípios sociolinguísticos sobre as relações de variação estilística (mudança da linguagem dependendo do contexto ou estilo adotado pelo falante), as divisões da sociedade em estratos sociais e as percepções e atitudes que os falantes/ouvintes possuem em comparação com várias formas linguísticas. O autor ainda afirma que as línguas se modificam porque variam seus falantes, já que vivem em

uma sociedade heterogênea, hierarquizada e complexa; e por meio do convívio social, acabam por alterá-las. Nesse sentido, à medida que a posição social do falante é alterada, seu comportamento linguístico também será. Segundo o autor, a língua falada (e escrita) difere entre os indivíduos e conforme a vivência de cada um, essas diferenças são comuns e são essenciais para a funcionalidade da língua. Logo, os pressupostos mencionados apresentaram-se como uma reação aos protótipos anteriores, que não abordavam os fatores sociais nas observações linguísticas.

Destacamos os autores Uriel Weinreich, William Labov e Marvin Herzong (doravante WLH) que foram os precursores de formalizar a nova teoria da mudança em texto programático da Sociolinguística, que produziram *Empirical Foundations for a Theory of Language Change*, escrito em 1966 e 1968 e traduzido para o português em 2006. Tendo como centralidade desenvolver um modelo teórico-metodológico para orientar novas pesquisas que teriam como base essa nova concepção de mudança linguística.

No Brasil, a Sociolinguística se desenvolveu a partir de 1970, o interesse pela língua e seus condicionadores linguísticos e sociais teve impulso nas décadas posteriores. Assim, tornou-se nítido o conjunto de traços variacionistas inerentes à linguagem, isto é, a observação de que a variação é ordenada, regular e sistemática.

Por meio de tal aparato teórico, Tarallo (1985) estabelece a busca da Sociolinguística em explicar o “caos” linguístico e passa a assumir a variação e a mudança como objeto de estudo. Dessa forma, ele afirma que ao se levar em consideração a fala, é frequente a utilização das formas variadas que a língua assume, essas formas são conhecidas como “variantes linguísticas”, isto é, as várias maneiras de dizer uma mensagem, em um mesmo contexto. Ao conjunto de variantes, dá-se o nome de “variável linguística”. Para exemplificar, o autor cita a concordância nominal, ressaltando as marcas de plural no sintagma nominal no português falado no Brasil. Com isso, a variável linguística seria a marcação de plural, que teria duas variantes “adversárias”, a presença do item fônico /s/ e ausência dele, ou seja, a forma “zero”, as quais essas variantes seriam representadas respectivamente por: [s] e [Ø].

No que se refere à língua e suas variações, isso constitui a matéria básica para o estudo da Sociolinguística, sendo assim, sua metodologia fundamenta-se em modelos quantitativos, de modo que esse novo modo de análise é denominado de Sociolinguística Quantitativa.

1.1 Estudos sobre o uso da concordância nominal no português brasileiro

Foi a partir da Teoria da Variação e Mudança - TVM, com seus princípios teórico-metodológicos, que estudos sistemáticos sobre fenômenos variáveis no Brasil foram sendo impulsionados. No que concerne aos estudos da concordância nominal no Brasil, os estudos de Martha Scherre são os mais abrangentes sobre essa temática, entre eles se destacam: *A regra da concordância de número no sintagma nominal em português*, dissertação de mestrado desenvolvida em 1978, e a *Reanálise da concordância nominal em português*, tese de doutorado de 1988.

Em sua tese, Scherre (1988) analisa dados de sintagmas nominais plurais extraídos de 64 falantes, sendo 48 adultos e 16 crianças, esses dados foram analisados conforme os fatores sociais: sexo (feminino e masculino), anos de escolarização (1-4, 5-8 e 9-11 anos) e faixa etária (7-14 anos e 15-71 anos). Ao tratar das variáveis linguísticas, ela analisou levando em consideração duas perspectivas: uma "atomística", em que cada elemento flexionável do SN é uma unidade de análise; a outra "não atomística", em que a unidade de análise é o SN inteiro, como um todo. Portanto, na análise atomística foram levadas em consideração onze variáveis linguísticas e seis variáveis sociais; e no que tange à não atomística, ela controlou nove fatores linguísticos e três fatores sociais.

Nas duas vertentes consideraram-se duas variantes: presença x ausência da forma explícita de plural; ao analisar na perspectiva atomística, ela considerou essas variantes em cada um dos elementos flexionáveis do SN e concluiu que o conjunto de variáveis colabora para a não aleatoriedade da presença ou ausência das marcas de plural, conforme a gramática padrão, nos elementos flexionáveis que estruturam o sintagma nominal. Já na perspectiva não atomística, a autora focou em investigar a presença em todos os elementos flexionáveis do SN e/ou ausência de marca de plural em pelo menos um dos elementos.

Em sua tese, Scherre (1988) demonstra que a marca explícita de plural pode surgir nos seguintes componentes flexionais, como exemplo:

a) Em todos os componentes flexionáveis do SN:

Ex.: todos os fregueses/novas escolas

b) Em alguns dos componentes flexionáveis do SN:

Ex.: essas estradas novaØ/ doØ meus pais

c) Em apenas um dos componentes flexionáveis do SN:

Ex.: as condornaØ/ uns troçoØ

d) Em nenhum dos componentes flexionáveis do SN:

Ex.: dois risco verde; uma porção de coisa interessante

Com base nisso, a autora detecta oito variáveis linguísticas que estabelecem influência na concordância nominal que são: a saliência fônica; o posicionamento dos elementos no SN juntamente com a relação entre o núcleo e as unidades não nucleares; as marcas precedentes em função da posição; a conjuntura fonética/fonológica seguinte; a função resumitiva do SN; a formalidade e o grau dos substantivos e adjetivos, por fim, a animacidade dos substantivos.

Os resultados da pesquisa de Scherre (1988) evidenciam que os elementos mais salientes proporcionam as marcas explícitas de plural nos sintagmas nominais; as unidades não nucleares, à esquerda do núcleo do SN, possibilitam marcas explícitas; já os componentes não nucleares, à direita, desfavorecem-na. Segundo os resultados averiguados por Scherre (1988), no que diz respeito à classe gramatical, os itens determinantes (artigo, numeral e pronome), ao referir-se a concordância de número, tendem a receber mais marca explícita de plural do que os nucleares (substantivos).

Ao analisar fatores extralinguísticos, a respeito de concordância nominal, a autora destaca que pessoas com mais escolaridade apresentam mais variantes explícitas de marca de plural, um dos principais motivos seria por estarem mais expostas à correção gramatical. Acrescenta-se a esse critério, pessoas do sexo feminino, por não romperem as regras sociais vigentes, particularmente, são mais sensíveis a linguagem formal. Além disso, o estudo indica que pessoas inseridas profissionalmente no mercado de trabalho costumam usar mais as formas de prestígio.

Os principais resultados de Scherre (1988), na perspectiva atomística, demonstram um total de 13.229 elementos nominais. Com isso, os resultados apontam que os falantes adultos apresentam uma porcentagem de 72% de marcas explícitas de plural e os dados de crianças equivalem a 65%. Já na vertente não atomística, houve 948 SN de mais de dois elementos, correspondente a 51%.

Além da tese de Martha Scherre, outros estudos também mostram essa tendência, como os trabalhos de Nina (1980), Naro e Scherre (2006), Brandão (2011), Martins (2010) e Ribeiro (2019).

Nina (1980) analisou o fenômeno da concordância nominal de número com dados de 20 falantes analfabetos da Microrregião Bragantina do Estado do Pará. Dentre os resultados, vale destacar o índice de concordância nominal de número corresponde a um percentual de 31%. As marcas explícitas de plural foram manifestadas pelo sexo feminino, com percentual de 37%, enquanto o sexo masculino obteve 23% de manutenção de pluralidade. Isso evidencia que na oralidade, persiste o uso de não concordância nominal de número, com mais evidência na fala do sexo masculino.

O estudo de Naro e Scherre (2006) investigou a concordância nominal de número, comparando três conjuntos de dados do Rio de Janeiro: (i) amostra aleatória de 64 informantes, gravações feitas no início de 1980 (amostra 1980-C); (ii) amostra aleatória de 32 falantes, áudios gravados no final de 1980 (amostra 2000-C); (iii) amostra não aleatória de 16 falantes pertencentes aos dados de 1980 (amostra 2000-I), reconectados entre 1999-2000, após um período de 18 anos. Nessa pesquisa, o principal objetivo foi analisar como as variáveis ano de escolarização (1-4 anos; 5-8 anos e 9-11 anos) e saliência fônica evidenciam os processos de mudança linguística. No que se refere aos resultados dessa pesquisa, comparando as duas amostras aleatórias (amostra 1980-C e amostra 2000-C), houve um aumento de uso concordância nominal de 71% para 89%, já no aspecto concordância nominal sem os determinantes da primeira posição do SN, a elevação foi de 54% para 81%.

Os resultados da variável ano de escolarização revelam que, em comparação das amostras aleatórias (amostra 1980-C e amostra 2000-C), no intervalo de 20 anos, os falantes com menos exposição ao ambiente escolar (1-4 anos), manifestaram um menor índice de marcas explícitas de plural, por outro lado, os falantes com maior exposição ao acesso à escola, evidenciaram mais marcas de pluralidade, um aumento de 40% a 70% (5-8 anos) e 50% a 90% (9-11 anos). Esse aumento pode ser entendido por consequência de maior contato da comunidade de fala ao espaço escolar. Sendo assim, um fenômeno natural, pois os falantes tendem a assimilar, conscientes ou não, o comportamento linguístico onde estão inseridos, ou por ser um fenômeno linguístico, muitas vezes, alvo de preconceito explícito, isso pode influenciar o uso maior da “variante explícita de plural” ou “variante de prestígio”.

No que consiste a variável saliência fônica, para itens nominais menos salientes com marcas explícitas de plural, os resultados foram de 69% para amostra 1980-C; 88% para amostra 2000-C e 79% para amostra 2000-I. Em relação aos itens nominais mais

salientes, os resultados mostram um percentual de 84% para amostra 1980-C; 95% para amostra 2000-C e 93% para amostra 2000-I. Esses resultados indicam que quanto menos saliência fônica, menor será a concordância nominal explícita, e quanto mais saliência fônica, maior será a concordância nominal explícita.

A pesquisa de Brandão (2011) verificou a concordância no SN nas variedades urbanas do português falado no Brasil/Nova Iguaçu (doravante PB) e em São Tomé (doravante PST). Em Nova Iguaçu, as amostras foram coletadas em 2008 e contam com a seleção de 35 entrevistas (18 do PB e 17 do PST1), com esses falantes distribuídos em sexo (feminino e masculino), faixa etária (18-35 anos; 36-55 anos; 56-75 anos) e nível de escolaridade (fundamental, médio e superior), vale salientar que os falantes de PST possuem o português como L1, por isso a sigla PST1, entretanto o uso mais decorrente é a sigla PST.

A análise abordada pela autora possui caráter descritivo e comparativo sobre concordância nominal na fala de moradores de localidades urbanas de PB e PST. Alguns resultados encontrados foram: a porcentagem de cancelamento de marca de número nominal em PB de 8,9% e PST de 6,6%. Ao observar os fatores sociais, o nível de escolaridade mostrou-se relevante, pois na fala dos informantes com ensino fundamental, a porcentagem de apagamento foi de 8,6% no PB, em PST 23,5%. Em relação ao nível médio, o cancelamento em PB foi de 19,1% e em PST 3,6%, no ensino superior tivemos 2,8% de cancelamento de marca de número, porém em PST foi ainda menor com 1,2%, o que indica que quanto mais exposto às marcas de prestígios, menor será o cancelamento da marca de número. Por fim, no que corresponde à faixa etária no PB, falantes de 18-35 anos apresentaram percentual de cancelamento da marca de número de 8,6%, no que se refere aos falantes de 36-55 anos, o percentual foi de 6,6%, já para os falantes de 56-75 anos a frequência foi de 12,8%. Assim, os resultados apontam que idosos são mais predispostos ao cancelamento de concordância e os mais jovens tendem a adotar a forma padrão.

A pesquisa mostrou que nos fatores linguísticos, em relação ao PB e PST, 84% das manifestações nos SNs que compõem o *corpus* da pesquisa, têm o núcleo na 2ª posição, na cadeia sintagmática, sendo a maioria formada por apenas dois integrantes. Ainda nesse sentido, os elementos pré-nucleares de 1ª posição, possuíram um índice de cancelamento baixo, respectivamente 1,3% PB e 1% PST, isso demonstra que elementos à esquerda, no SN, ocupando a 1ª posição, tendem a receber mais marcas explícitas.

Sobre estudos morfossintáticos na região Norte, podemos citar os trabalhos de Martins (2010) e Ribeiro (2019). Martins (2010) utilizou dados coletados para a elaboração do Atlas Linguístico do Amazonas (ALAM), os quais correspondem a nove municípios de maior representatividade, sendo eles: Barcelos, Tefé, Benjamin Constant, Eirunepé, Lábrea, Humaitá, Manacapuru, Itacoatiara e Parintins. O ALAM contou com seis informantes por município, sendo um homem e uma mulher, com escolaridade até a 4ª série, e três faixas etárias: 18-35 anos; 36-55 anos e 56 anos em diante. No caso da pesquisa de Martins (2010), a autora focou sua investigação no município de *Benjamin Constant* (AM). Os fatores sociais selecionados foram: sexo (feminino e masculino), idade (18- 35 anos; 36-55 anos e 56 anos em diante), escolaridade (até a 4ª) e o nível de formalidade (conversação livre).

Para averiguar o condicionamento do fenômeno em análise, foram usados os respectivos fatores linguísticos: a saliência fônica, a posição do SN, saliência fônica, classe gramatical e o contexto seguinte. Os resultados alcançados após a análise dos fatores condicionantes evidenciaram que 57% dos falantes fazem uso da forma não padrão. É válido destacar que são falantes com até a 4ª série, o que indica que quanto menor o grau de escolaridade, menor será o uso de marcas de concordância de número.

Em relação à saliência fônica, o percentual foi de 66%. No que se refere à classe gramatical, os resultados também foram categóricos para classes como: artigo, pronome e numeral (100%). Porém, elementos nucleares, por exemplo, substantivos, tiveram um percentual de 36%. Na análise do fator linguístico, contexto seguinte, os resultados obtidos mostraram que a vogal (com 50%) tende a ser mais favorecedora da marca de número em relação à pausa (44%) e a consoante (36%). Quanto ao gênero, o sexo feminino mostrou-se mais suscetível as regras de concordância nominal padrão (50%) do que o sexo masculino (7%). A possível explicação se deve pelo fato da inserção das mulheres no mercado de trabalho, ou ainda, pelo papel que exercem na família.

Por fim, sobre estudos de concordância nominal de número no Amapá, vale apontar a pesquisa de Ribeiro (2019) que considerou dados de 16 falantes moradores do município de Oiapoque (AP), segmentados em três grupos de usuários do português brasileiro: oiapoquenses falantes de português como L1; franceses falantes de português como L2 e indígenas falantes de português como L2. Entretanto, a análise de Ribeiro (2019), apresentou apenas o uso relativo aos oiapoquenses falantes de português como L1.

Para a referida pesquisa, foram consideradas as variáveis sociais: sexo (feminino e masculino), idade (18-45; acima de 46 anos) e escolaridade (fundamental e médio) e as variáveis linguísticas: marcas precedentes em função da posição, idade, posição do elemento nominal em relação ao núcleo, saliência fônica, sexo e escolaridade. A análise evidenciou 1.040 itens com marcas explícitas de plural, resultando em um percentual de 69,8% de emprego da presença das marcas de plural entre os itens do SN, enquanto 450 itens foram usados sem marcas de pluralidade, equivalentes a uma porcentagem de 30,3%. Por fim, outro resultado relevante dessa pesquisa mostrou que os falantes mais jovens, as mulheres e aqueles que possuem ensino médio tendem a empregar mais marcas de plural nos componentes do SN.

Através desses estudos é possível perceber que a regra de concordância nominal de número no sintagma nominal (SN) é uma variável condicionada por fatores linguísticos e extralinguísticos, podendo ser perceptível de duas formas: com a frequência de marcas do plural [-s] ou a ausência de tais marcas [Ø], ou seja, o fenômeno abordado se encontra em variação. A seguir apresentaremos a metodologia adotada em nossa pesquisa.

2. Metodologia da pesquisa

Esta pesquisa tem como suporte a Sociolinguística de Labov (2008) que se privilegia de modelos de estudo quantitativo para análise da atuação dos grupos de fatores linguísticos e extralinguísticos, com o auxílio de programas estatísticos. Destaca-se que o presente trabalho dispõe de dados orais do projeto de pesquisa *Variedades Linguísticas Faladas no Amapá*, atrelado ao Grupo de Pesquisa *Linguagem, Língua e Sociedade* (LINLIS), do Curso de Licenciatura em Letras, da Universidade do Estado do Amapá (UEAP).

O banco de dados utilizado abrange cerca de 164 narrativas orais reunidas para investigação e análise linguística. No entanto, para esta pesquisa, foram utilizados dados de 16 narrativas orais, adquiridas em situação de conversação livre. Tais narrativas foram produzidas por falantes de português residentes na capital Macapá-AP. Entretanto, por conta da dificuldade em encontrar falantes nativos, foram também selecionadas pessoas que nasceram no estado do Pará, mas que moram em Macapá desde sua infância.

Após a coleta de dados, as narrativas foram transcritas grafematicamente, posteriormente, foram quantificados e identificados o número de ocorrência de sintagmas

nominais e organizados em tabelas. Subsequente, os dados obtidos foram revisados e codificados, levando em consideração os fatores sociais (sexo, idade e escolaridade) e os linguísticos (posição do termo no interior do SN e Localização do SN em relação ao verbo).

2.1 Comunidade de fala

A cidade de Macapá, cujo nome vem de origem tupi, significa “lugar de muita bacaba”. É a capital do estado do Amapá e está localizada na região Norte do Brasil, conhecida por ser atravessada pela Linha do Equador e a única capital brasileira banhada pelo Rio Amazonas, um dos maiores rios do mundo, cuja nascente se encontra nas Cordilheiras dos Andes até chegar ao Brasil.

Conforme o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), no ano de 2022, a capital do Amapá possuía uma área correspondente a 6.563,849km², sendo estruturada, a partir da lei assinada em dezembro de 2020, por 64 bairros e com uma população de 522.357 habitantes, considerada a cidade que possui o maior índice populacional de todo o estado do Amapá. No que consiste aos aspectos geográficos, a vegetação que cerca a capital é amazônica, além de possuir um clima equatorial super úmido, com alta temperatura durante o verão e chuvas abundantes durante o inverno. Convém dizer que a cidade de Macapá é o centro econômico e político do Estado, cujas atividades econômicas englobam os setores primários e terciários, logo, no que diz respeito aos setores primários, nas regiões rurais predominam as plantações agrícolas, além de criação de bovinos, suínos e galináceos. Somando a isso, nas regiões ribeirinhas há a extração e exploração do açaí. Nas atividades terciárias, os principais responsáveis pela produção econômica são os setores de administração pública, logística, comércio e serviços. Além disso, diferente de algumas cidades do Brasil, o município não possui acesso terrestre para outras localidades do território brasileiro, apenas por vias aéreas ou transportes fluviais.

Macapá possui marcos históricos interligados aos processos de exploração da coroa portuguesa, no extremo norte do país. De acordo com Santos (1994), no que diz respeito aos dados históricos, antes de Macapá receber o nome atual, a cidade já foi denominada de *Adelantado de Nueva Andaluzia*, por Carlos V, em 1544. A fundação da cidade ocorreu a partir de um destacamento militar em aproximadamente 1738, onde Macapá foi estabelecida no mesmo local onde ficava a antiga Fortaleza de Santo Antônio. Na metade do século XX, Portugal decide adotar medidas modernizadoras que

assegurasse suas posses e delimitasse as fronteiras portuguesas na Amazônia, que até aquele momento não havia.

Nessa perspectiva, conforme Nunes Filho (2009) a foz do rio Amazonas era um ponto estratégico para realização de invasões exploratórias em todo território do país, desse modo, os portugueses buscaram povoar a região criando pequenas vilas e fortificações, como a Fortaleza de São José de Macapá (inaugurada em 19 de março de 1782). Por conseguinte, no dia 4 de fevereiro de 1758, foi instalada a vila de São José de Macapá, pelo governador de Grão-Pará, Francisco Xavier de Mendonça Furtado. Nesse contexto, a cidade era habitada por açorianos, com intuito de urbanizar, nas quais eles possuíam diversas profissões, como: agricultores, barbeiros, carpinteiros etc. Além disso, sua economia, política e culturas estavam relacionadas ao estado do Pará. Posteriormente, em 1859, a vila de São José de Macapá foi oficializada como cidade, pelo tenente coronel Henrique Rolan, entretanto, somente em 1944, com o apoio do presidente Getúlio Vargas, ela se tornaria capital do estado do Amapá, pelo então governador Janary Nunes, já que a cidade possuía fácil acesso fluvial.

Conforme Canto (2021) os ribeirinhos foram importantes para construção da sociedade amapaense, bem como na relação entre o Pará e Amapá. Além desses povos, a partir do século XX, houve um crescimento populacional no Estado em razão da exploração minerária na capital, principalmente do manganês, isso levou a chegada de mineradoras como a Indústria Comércio de Minérios – ICOMI, no território de Serra do Navio, visando à economia e desenvolvimento do recém-formado estado do Amapá. Nesse período, a maioria desses imigrantes pertenciam aos estados do Pará, Maranhão, Piauí e Ceará. De acordo com o IBGE (2023), a infraestrutura urbana de Macapá é a melhor do estado, apesar de enfrentar algumas dificuldades, principalmente, para a população. No que consiste ao acesso à energia, esgoto e água, ou seja, no quesito de saneamento básico, ela ainda se encontra precária, contudo, ao olhar para o cenário de serviços públicos do estado do Amapá, a localidade de Macapá possui os principais equipamentos de trabalho na saúde, educação e comunicação.

De acordo com Canto (2021) é através das influências de portugueses, indígenas, afrodescendentes e imigrantes de outros estados, cultura se tornou diversificada, sendo importantes os festejos do Círio de Nazaré e a principal manifestação cultural que é o Marabaixo, por isso, na localidade é bastante enfatizado as práticas culturais do norte brasileiro. A Dança do Marabaixo, segundo Videira (2004), é entendida como “Dança

Dramática e Religiosa de Cortejo Afrodescendente”, em que expressa à história e cultura afro amapaense, desde o século XVII. Portanto, a identidade amapaense está em constante mudança e por influência de diversas culturas.

2.2 Sujeito da pesquisa

Para elaboração desta pesquisa, foi selecionado um total de 16 informantes que estão divididos da seguinte forma: 8 pessoas do sexo feminino, sendo 4 que possuem idades entre 16 – 30 anos (Geração A) e 4 com 40 anos ou mais (Geração B); também 4 que possuem o ensino fundamental (Escolaridade I) e 4 com o ensino médio (Escolaridade II). Também foram selecionadas 8 pessoas do sexo masculino, sendo 4 que com idades entre 16 – 30 anos (Geração A) e 4 com 40 anos ou mais (Geração B); 4 com o ensino fundamental (Escolaridade I) e 4 com o ensino médio (Escolaridade II). Vale lembrar que a princípio todos os informantes deveriam ter nascido em Macapá, entretanto, levamos em consideração informantes paraenses nativos, mas que residem na cidade desde sua infância. A seguir tem-se o Quadro 1 com o perfil dos informantes.

Quadro 1: Perfil dos informantes

Iniciais do nome	Idade	Sexo	Escolaridade	Município de origem	Município atual
P. A.	21	F	Ensino médio	Macapá-AP	Macapá-AP
L. M.	20	F	Ensino médio	Macapá-AP	Macapá-AP
K.K.	16	F	Ensino médio	Macapá-AP	Macapá-AP
L.G.	22	F	Ensino médio	Macapá-AP	Macapá-AP
V. C.	70	F	Ensino fundamental	Almeirim-PA	Macapá-AP
N. B.	50	F	Ensino fundamental	Macapá-AP	Macapá-AP
Z.S.	88	F	Ensino fundamental	Macapá-AP	Macapá-AP
D.M.	76	F	Ensino fundamental	Macapá-AP	Macapá-AP
A. D.	26	M	Ensino médio	Macapá-AP	Macapá-AP
F.P.	28	M	Ensino médio	Mazagão-AP	Macapá-AP
M.D.	24	M	Ensino fundamental	Macapá-AP	Macapá-AP
R. P.	19	M	Ensino médio	Macapá-AP	Macapá-AP
B.M	57	M	Ensino fundamental	Breves-PA	Macapá-AP
D.M.	76	M	Ensino médio	Interior do Pará- PA	Macapá-AP
R.A.	57	M	Ensino fundamental	Macapá-AP	Macapá-AP
R.M	62	M	Ensino fundamental	Macapá-AP	Macapá-AP

Fonte: Elaborado pela autora.

2.3 Organização da amostra

O objeto de estudo desta pesquisa é a concordância nominal de número, após a seleção dos dados, como já mencionado, foi feito um levantamento de ocorrências do fenômeno estudado nas narrativas escolhidas, considerando os fatores sociais: sexo, faixa

etária e escolaridade. Os fatores linguísticos que se mostraram relevantes para a investigação foram: posição do item no interior do SN (elementos pré-nucleares, elementos nucleares e elementos pós-nucleares) e a localização do SN em relação ao verbo (à direita, à esquerda e indistinta).

Durante o processo de levantamento e análise dos elementos que constituem essa pesquisa, foram feitos recortes de SNs das narrativas que apresentaram itens pluralizados. Consideramos as ocorrências em que apresentam marcas explícitas de plural em todos os elementos do SN (Ex.: Ela tem **os cabelos bem compridos**), outras com itens parcialmente marcados (Ex.: Brincava muito futebol com **os meus irmãoØ**) ou mesmo marcados em apenas um dos elementos (Ex.: Aí o tempo começou a dar **umas lagartaØ miudinhaØ**) e ainda sem marcas explícitas de plural nos itens do sintagma nominal, isto é, marca semântica (Ex.: Eu aprendi a ler com **três anoØ**). No quadro a seguir estão alguns exemplos de como organizamos as sentenças.

Quadro 2: Organização da amostra

Código	Realização das marcas de CN	Não realização das marcas de CN
1FAII	Todos os meus colegas reunidos por conta da gravidez.	Os meninoØ mais velho aí
1FBI	Momentos difíceis na minha vida.	Morei muitos anoØ nasci e me criei no interior Santo Antônio da Pedreira
1MAII	São os meus guerreiros e eu sou muito apegado a eles.	Daí a mesma rotina de todos os diaØ .
1MBI	Hoje são todas aterradas já [...]	Prestando atenção como os pedreiroØ trabalhava, né.

Fonte: Elaborado pela autora.

O Quadro 1 mostra algumas realizações ou não de marcas explícitas de plural, para leitura do código, tem-se, por exemplo, 1FAII: (1) informante de Macapá, (F) do sexo feminino, (A) indica a idade de 16 a 30 anos e (II) que possui o ensino médio. Já em 1MBI, por exemplo, (M) indica que é do sexo masculino, (B) com idade de 40 anos ou mais e (I) que possui o Ensino Fundamental.

2.4 Coleta e tratamento dos dados

Para a coleta de dados, utilizamos das técnicas de pesquisa da sociolinguística, propostas por Labov (2008). Com base nisso, foram entrevistados 16 informantes habitantes da cidade de Macapá-AP, sendo necessário o uso dos aparelhos digitais: celular e gravador de voz. As narrativas foram gravadas na interação entre entrevistador e

informante, em que dialogávamos sobre assuntos como experiência de vida, memórias da localidade ou até mesmo histórias de alguém/algo que para o informante fosse relevante. O quadro abaixo evidencia a chave de codificação usada para definir os dados coletados.

Quadro 3: Chave de codificação.

Variável Dependente	Grupos analisados	Código
Concordância Nominal de Número	Presença	C
	Ausência	S
Variáveis Extralinguísticas		
Sexo	Masculino	M
	Feminino	F
Idade	Faixa etária (16 a 30 anos)	1
	Faixa etária (acima de 40)	2
Escolaridade	Ensino Fundamental	3
	Ensino Médio	4
Variáveis Linguísticas		
Posição do elemento no interior do SN	Elemento pré-nuclear de 1ª posição	a
	Elemento pré-nuclear de 2ª posição	b
	Elemento pré-nuclear de 3ª posição em diante	c
	Núcleo de 1ª posição	d
	Núcleo de 2ª posição	e
	Núcleo de 3ª posição em diante	f
	Elemento pós-nuclear de 1ª posição	g
	Elemento pós-nuclear de 2ª posição	h
	Elemento pós-nuclear de 3ª posição em diante	i
Localização do SN no interior da oração	Localização à esquerda	j
	Localização à direita	k
	Localização indistinta	l

Fonte: Elaborado pela autora.

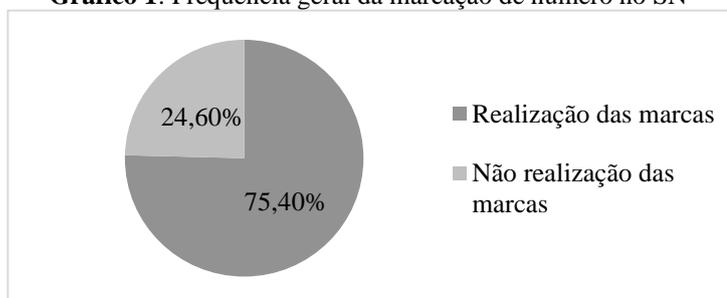
Após a codificação, os dados foram rodados no programa estatísticos de regras variáveis, denominado de *Goldvarb X*. Esse programa foi elaborado por Sankoff, Tagliamont e Smith (2005), sendo um dos instrumentos metodológicos utilizados em pesquisas variacionistas, pois nele é possível organizar uma grande quantidade de dados e realizar análises unidimensionais e multidimensionais, além de cruzar fatores.

O programa também mostra quais grupos de fatores foram relevantes para análise, indicando o peso relativo (doravante PR) de cada fator. Os principais resultados obtidos pelo programa serão apresentados na seção a seguir.

3. Apresentação e discussão dos resultados

Os dados obtidos e analisados totalizam 1.033 ocorrências de sintagmas nominais realizadas pelos 16 falantes macapaenses. O gráfico a seguir mostra os dados gerais de presença e ausência de marcas de concordância nominal.

Gráfico 1: Frequência geral da marcação de número no SN



Fonte: Elaborado pela autora.

De acordo com o Gráfico 1 é possível perceber que as marcas de plural de número no português falado por macapaenses foram bastante produtivas. Em um total de 1.033 itens flexionáveis, localizamos 779 (75,4%) ocorrências de marcas explícitas de plural e 254 (24,6%) casos de apagamento de marca de número. Tal resultado é semelhante à de outros estudos já feitos, como os trabalhos de Scherre (1988), Fernandes (1996) e Martins (2013) em que houve a alta manifestação de concordância nominal no PB, em localidades que possuem maiores traços de urbanização.

É evidente, através do Gráfico 1, um quadro de oposição entre o português + urbano e - urbano (Lopes, 2014; Nina, 1980), que mostra que informantes de zonas menos urbanas utilizam mais os valores locais e linguísticos, isto é, tendem a fazer mais uso da variante sem concordância; entretanto, falantes de zonas mais urbanizadas tendem a utilizar as formas mais escolarizadas e prestigiadas, ou seja, utilização da regra padrão de concordância.

Entre os grupos de fatores extralinguísticos e linguísticos controlados, foram apontados como relevantes pelo programa estatístico *Goldvarb X*, os seguintes grupos: 1º) faixa etária; 2º) escolaridade; 3º) sexo; 4º) posição do item no interior do SN; e 5º) localização do SN em relação ao verbo. Nas próximas subseções apresentaremos os resultados para os fatores extralinguísticos e linguísticos.

3.1 Fator extralinguístico: faixa etária

A faixa etária foi o primeiro grupo de fator indicado pelo programa *Goldvarb X* na seleção geral. Desse modo, foram controladas duas faixas etárias para a presente investigação: falantes de 16 a 30 anos (geração A) e falantes de 40 anos ou mais (geração B). A Tabela 1, a seguir, ilustra os resultados obtidos na amostra de Macapá:

Tabela 1: Marca de plural conforme a faixa etária

Fator	Frequência	%	Peso relativo
16 a 30 anos (geração A)	554/668	82,9%	0.55
40 anos ou mais (geração B)	225/365	61,6%	0.40

Fonte: Elaborada pela autora.

De acordo com a Tabela 1, evidencia-se que entre os falantes mais jovens (geração A), dos 668 dados localizados, 554 atestaram a presença de marcas de plural de número no interior do SN, isto é, cerca de 82,9% dos casos. Entretanto, entre os falantes mais idosos (geração B), a manutenção da marca de plural foi relativamente menor com 61,6%. Assim, dos 365 dados obtidos para faixa etária B, apenas 225 apresentaram marcas explícitas de plural.

Sobre os pesos relativos encontrados para o fator faixa etária, os dados evidenciam que os falantes mais jovens tendem a favorecer a manutenção da marca de plural de número (PR 0.55), por outro lado, a faixa etária mais idosa desfavorece a aplicação da regra (PR 0.40). Conforme Scherre e Naro (1988), os falantes mais jovens tendem a ser mais suscetíveis às marcas de plural, da mesma forma que os falantes mais velhos ficam mais predispostos ao cancelamento. Outro ponto destacado pelos autores é de que a geração mais jovem busca adotar os usos linguísticos de maior prestígio na sociedade, isso pode ser explicado em decorrência da necessidade de inserção ao mercado de trabalho. Nas próximas subseções apresentaremos os resultados para os fatores extralinguísticos: escolaridade e sexo.

3.2 Fator extralinguístico: escolaridade

No que concerne a escolaridade, foram controlados dois níveis de escolaridade para os informantes de Macapá, a saber: ensino fundamental e ensino médio. Vale destacar que não foi considerado o nível de escolaridade superior por não haver informantes suficientes com esse grau de ensino. A Tabela 2 sintetiza os resultados encontrados:

Tabela 2: Marca de plural conforme a escolaridade

Fator	Frequência	%	Peso relativo
Ensino Fundamental	182/310	58,7%	0.36
Ensino Médio	597/723	82,6%	0.55

Fonte: Elaborada pela autora.

Com base nos resultados acima, nota-se que a manutenção de marcas explícitas de plural no interior do SN tende a ser mais favorecida por indivíduos que possuem o Ensino Médio com 82,6% (PR 0.55), quando comparado aos dados de fala de pessoas com Ensino Fundamental que obteve 58,7% de frequência (PR 0.36). Esses dados apontam que quanto maior for a escolarização maior o emprego de marcas de concordância de número, como já apontam as pesquisas de Scherre (1988), Brandão, (2011; 2014), Scherre e Naro (2006) e Lopes (2014).

3.3 Fator extralinguístico: sexo

O fator sexo foi considerado a terceira variável social mais relevante pelo programa. A Tabela 3 abaixo ilustra os resultados obtidos para o efeito da variável sexo na marcação de plural de número na fala de macapaenses:

Tabela 3: Marca de plural conforme o sexo

Fator	Frequência	%	Peso relativo
Feminino	331/444	74,5%	0.48
Masculino	448/589	76,1%	0.51

Fonte: Elaborada pela autora.

Os dados da Tabela 3 mostram que há pouca diferença no uso de marcas de número entre homens e mulheres; entre os informantes do sexo feminino foram localizados 331 casos de retenção de marcas explícitas de plural no interior do SN, cerca de 74,5%. Já na fala dos informantes do sexo masculino, localizamos 448 dados de produtividade de marcas de número, em um universo de 589 manifestações totais, isto é, 76,1%. Ao observar os pesos relativos associados à variável social sexo, ratifica-se que o comportamento linguístico entre homens e mulheres é indiferente mediante ao fenômeno de marcação de plural no SN, respectivamente PR 0.51 para os homens e PR 0.48 para as mulheres. Esses resultados diferem de outras pesquisas já feitas anteriormente no PB,

segundo as quais o sexo feminino seria mais predisposto ao uso padrão, enquanto o sexo masculino teria um comportamento mais suscetível ao apagamento de marcas de plural (Sherre, 1988; Scherre; Naro, 1998). Nas próximas subseções apresentaremos os resultados para os fatores linguísticos: posição do item no interior do SN e localização do SN em relação ao verbo.

3.4 Fator linguístico: posição do item no interior do SN

No que concerne à estrutura dos sintagmas nominais nas sentenças analisadas, os SNs constituídos de quatro, cinco ou mais elementos são menos comuns no PB em relação aos de dois ou três elementos, que tendem a ocorrer com maior frequência. Assim, em nossos dados tivemos poucas sentenças em que o núcleo aparecia na 4ª ou 5ª posição, por isso, fez-se necessário agrupá-los aos núcleos que apareciam na 3ª posição em diante. Daí consideramos apenas três posições do núcleo no interior do SN, como mostra a Tabela 4.

Tabela 4: Número de SNs por posição de núcleos.

Posição do núcleo no SN	Frequência	%
1ª posição	14/409	3,4%
2ª posição	313/409	76,4%
3ª posição em diante	82/409	20,2%

Fonte: Elaborada pela autora.

Em relação aos fatores linguísticos, a posição do item dentro do SN foi o primeiro grupo selecionado como relevante para o fenômeno de concordância nominal de número. Tendo em vista tal grupo, controlamos sete possíveis posições em que os elementos pré-nucleares, nucleares e pós-nucleares podem ocupar o interior do SN. A seguir estão alguns exemplos dessas posições:

Quadro 4: Posições dos elementos que compõem o SN

Elementos pré-nucleares	De 1ª posição: Todos os meus colegas reunidos por conta da gravidez.
	De 2ª posição: Ela é uma das minhas melhores amigas.
	De 3ª posição em diante: (3ª) Um anjo que se rebelou contra Deus e perdeu alguns dos seus poderes. (4ª) Todos os meus melhores colegas reunidos.
Elementos nucleares	De 1ª posição: Infelizmente a gente ficou em salas separadas.
	De 2ª posição: Meus pais ficaram chateado.
	De 3ª posição em diante: Eu gosto de assistir animes e um dos meus animes preferidos é Dororo.
Elementos pós-nucleares	De 1ª posição: Porque os dois são crianças pequenas
	De 2ª posição: [...]os cavalos dos vingadores .
	De 3ª posição em diante: Meus clientes são aquelas pessoas .

Fonte: Elaborada pela autora.

Equivalentes aos elementos pré-nucleares de 1ª e 2ª posição do SN, esses podem ser ocupados com artigos, quantificadores e qualificadores, como por exemplo: “**os meus** pais...” em que o termo “os” seria o determinante (artigo), na primeira posição, e “meus”, seria também um determinante (pronome) de segunda posição. No que se refere aos núcleos, estes podem assumir as posições de 1ª, 2ª e 3ª, como mostra o Quadro 4. Por fim, os pós-nucleares foram encontrados a partir da 1ª posição, com pouquíssimos exemplos de 3ª posição em diante. A Tabela 5 apresenta a manutenção e os pesos relativos para a aplicação da regra, enfatizando a marca de plural conforme a posição do item no interior do SN.

Tabela 5: Marca de plural conforme a posição do item no interior do SN no falar macapaense

Fator	Frequência	%	Peso relativo
Elemento pré-nuclear de 1ª posição	327/399	82%	0.59
Elemento pré-nuclear de 2ª posição	73/95	76,8%	0.49
Elemento pré-nuclear de 3ª posição em diante	5/6	83,3%	0.57
Núcleo de 1ª posição	13/14	92,9%	0.81
Núcleo de 2ª posição	213/313	68,1%	0.39
Núcleo de 3ª posição em diante	57/82	69,5%	0.41
Elemento pós-nuclear de 1ª posição	68/95	73,1%	0.48
Elemento pós-nuclear de 2ª posição	18/25	72%	0.47
Elemento pós-nuclear de 3ª posição em diante	5/6	83,3%	0.63

Fonte: Elaborada pela autora.

Os resultados na Tabela 5 apontam que os elementos pré-nucleares de 1ª posição manifestaram uma maior produtividade de concordância de número em relação às demais posições antes do núcleo, com um percentual de 82%. O peso relativo para o fator demonstra o grau de favorecimento para retenção de pluralidade para a 1ª posição pré-nuclear (PR 0.59), em comparação com a 2ª posição (PR 0.49). Em relação à 3ª posição, embora o peso relativo tenha sido alto (PR 0.57) houve apenas cinco casos com marcas de número de um total de seis ocorrências.

Em relação aos núcleos, podemos observar que os que ocupam a 2ª posição apresentaram mais marcas de pluralidade com 213 ocorrências, de um total de 313, do que os que estão na 1ª posição com apenas 13 ocorrências, de um total de 14, e os que ocupam a 3ª posição houve 57 ocorrências de marcas de pluralidade, de 95 casos.

No que refere aos elementos flexionáveis pospostos ao núcleo, os que se encontravam na 1ª posição após o núcleo, com um percentual de 73,1% e PR 0.48, mostram-se mais favoráveis à manutenção de pluralidade em comparação com os de 2ª

posição (PR 0.47) e 3ª posição, em que houve apenas 6 ocorrências. Os dados referendam aos de outros estudos que apontam a tendência de elementos pós-nucleares a serem favoráveis às marcas de plural quando estão mais perto do núcleo, caso não haja elementos pré-nucleares no SN.

Referendando aos resultados apresentados aqui, Scherre (1994) diz que os elementos que estão à esquerda do núcleo tendem a receber mais marcas de número, bem como os elementos nucleares que ocupam a 1ª posição que também tendem à retenção de marca de plural. A autora afirma que os itens que figuram na 2ª posição estão mais suscetíveis ao apagamento de marcas de número (Ex.: meus **colega** / as **planta**), principalmente os que estão na condição de núcleo do SN; ela destaca que os elementos nucleares de 3ª posição em diante são também propícios à manutenção de marcas flexionáveis (Ex.: dos nossos **pais**/ as minhas **amigas**) como observado nesta pesquisa (conforme Tabela 5).

Após os resultados vistos na amostra, podemos sintetizar que os elementos determinantes à esquerda tendem a receber mais marcas explícitas de plural e os elementos à direita do SN tendem a receber o apagamento dessas referidas marcas.

3.5 Fator linguístico: localização do SN em relação ao verbo

O próximo grupo de fator linguístico de análise é a localização do SN em relação ao verbo. A regra geral diz que os SNs que ocupam à esquerda do verbo estão mais suscetíveis à marcação de número do que os situados à direita do verbo (Scherre, 1994). Seguindo a perspectiva adotada por Scherre (1988), denominada de não atomística, que analisa o SN inteiro, consideramos as seguintes localizações: (i) localização à esquerda do verbo (Ex.: **Todos os meus colegas** reunidos por conta da gravidez); (ii) localização à direita do verbo (Ex.: Ele não explicava direito **as matéria**); (iii) localização indistinta do verbo (Ex.: [nomes próprios] **Todos os meus irmãos** também). As sentenças analisadas foram consideradas como localização indistinta, quando não era possível localizar uma posição concreta para o verbo, em decorrência a pausas longas, mudanças de assunto abruptamente ou informações pessoais, como no exemplo anterior onde o informante citava os nomes de seus irmãos. A Tabela 6 abaixo apresenta a frequência geral do fator linguístico em análise.

Tabela 6: Marca de plural conforme a localização do SN em relação ao verbo

Fator	Frequência	%	Peso relativo
Esquerda	196/247	79%	0.58
Direita	495/674	73%	0.47
Indistinta	88/112	75,4%	0.49

Fonte: Elaborada pela autora.

Na Tabela 6 é possível notar que os sintagmas nominais à esquerda do verbo são mais propensos a receberem marcas de plural. Do total de 247 ocorrências, 197 casos apresentaram marcas explícitas de plural, com percentual de 79% e um peso relativo de 0.58. Por outro lado, os elementos à direita evidenciaram um menor padrão de marcas de plural, 73% de marcas de número e o peso relativo de 0.47. Isso aponta que a posição à direita do verbo é desfavorecedora à aplicação da regra de concordância. Assim, os dados corroboram com outras pesquisas como a de Scherre (1994), mostrando que existe uma relação de tendência da aplicação da regra em elementos que estão mais à esquerda do verbo.

Considerações finais

Os resultados apontam uma alta produtividade de emprego de marcas de plural no âmbito do SN no falar macapaense. A análise dos fatores extralinguísticos e linguísticos apresentados aqui demonstra e ratifica a sistematicidade que há no processo de variação linguística, sobretudo nas marcações de concordância nominal de número. Assim, a língua se apresenta como um sistema heterogêneo e ordenado e não como um sistema caótico que não pode ser controlado.

Os dados demonstram uma maior manutenção de marcas de plural por falantes mais jovens e aqueles que possuem o ensino médio, ratificando a hipótese de outros estudos já feitos sobre o fenômeno no PB (Brandão, 2011; Viera; Brandão, 2014), de que os falantes mais jovens e escolarizados demonstram ter maior sensibilidade ao uso das variantes marcadas, consideradas de prestígio.

No que consiste aos fatores linguísticos, os dados mostram que a posição do item no interior do SN revela certa tendência de marcação nos elementos que antecedem o SN, em específico, os elementos pré-nucleares de 1ª posição, assim como os elementos pós-nucleares de 1ª posição.

O cenário atual observado, sobre o português falado em Macapá, indica um provável quadro de mudança linguística no que tange ao SN, corroborando com o que a literatura enfatiza sobre o PB em áreas urbanas, de que o uso de concordância nominal

tende a ser superior ao de apagamento de marcas de plural, e que quanto mais escolarizado o falante for, maior a probabilidade de ele realizar a concordância nominal.

Para mais, faz-se preciso a ampliação dos dados que compõem o presente estudo, para uma maior compreensão de fatores sociais e linguísticos, como por exemplo: a escolaridade de nível superior, saliência fônica, animacidade do núcleo e entre outros que se mostram relevantes para o condicionamento da concordância nominal de número. Por fim, esta pesquisa poderá contribuir com o acervo de estudos sociolinguísticos realizados no Amapá, bem como auxiliar em novas pesquisas de mesma natureza com a finalidade de compreender o perfil linguístico do macapaense.

Referências

- BRANDÃO, S. F. Concordância nominal em duas variedades do português: convergências e divergências. *Revista Veredas*. Atemática, Vol.15, N. 1, p. 164-178, jul. 2011.
- CANTO, F. *A fortaleza de São José de Macapá: vertentes construtivas, discursivas e as cartas dos construtores*. Brasília: Segraf, 2021. 512 p. v. 293. ISBN 978-65-5676-125-1.
- CHOMSKY, N. *Aspects of the Theory of Syntax*. Cambridge, MA: MIT Press, 1965.
- COSTA, M. A. Estruturalismo. In: MARTELOTA, M. E. (Org.). *Manual de linguística*. São Paulo: Contexto, 2008, p. 113-126.
- FERNANDES, M. *Concordância nominal na região sul*. Dissertação de Mestrado, Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC, Florianópolis, 1996.
- IBGE. *Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística*. Área de unidade territorial. Amapá: IBGE, 2022. Disponível em: < cidades.ibge.gov.br>. Acesso em: 01/05/2023.
- IBGE. *Instituto Brasileiro De Geografia e Estatística*. População estimada: Diretoria de Pesquisas, Coordenação de População e Indicadores Sociais, Estimativas da população residente. Amapá: IBGE, 2023. Disponível em: < cidades.ibge.gov.br>. Acesso em: 01/05/2023.
- LABOV, W. *Padrões sociolinguísticos*. Trad. de M. Bagno; M. M. P. Scherre; C. R. Cardoso. São Paulo: Parábola Editorial, 2008 [1972].
- LOPES, L. O. *A concordância nominal de número no português falado na zona rural de Santa Leopoldina/ES*. 2014. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2014.

- MARTINS, F. S. Uma abordagem sociolinguística da concordância nominal de número no falar dos habitantes do município amazonense de Benjamin Constant. *Working Papers em Linguística*. Vol. 11, Ed. Esp., p. 45-56, jan., 2010.
- MARTINS, F. S. *Variação na concordância nominal de número na fala dos habitantes do Alto Solimões (AM)*. 2013. Tese (Doutorado em Linguística). Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2013.
- NINA, T. J. C. *Concordância nominal/verbal do analfabeto na Micro Região Bragantina*. 1980. Dissertação (Mestrado em Língua Portuguesa). Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1980. (*mimeo*).
- NUNES FILHO, E. Formação histórica, econômica, social, política e cultural do Amapá: descrição e análise do processo de formação histórica do Amapá. In: OLIVEIRA, A.; RODRIGUES, R. (Orgs). *Amazônia, Amapá: escritos de História*. 1. Belém: Paka-Tatu, 2009.
- PERINI, M. A. *Sintaxe portuguesa: metodologia e funções*. São Paulo: Ática, 1989.
- RIBEIRO, C. A Concordância Nominal de Número no Português Usado em Oiapoque (AP). *Signum: Estudos da Linguagem*. Vol. 22, N. 3, p. 129-149, dez., 2019.
- SANCHES, R et al. (Orgs.). *Falares da Amazônia Amapaense*. Ananideua - PA: Cabana, 2023.
- SANKOFF, D.; TAGLIAMONTE, S. A.; SMITH, E. *Goldvarb X: A variable rule application for Macintosh and Windows*. Department of Linguistics, University of Toronto. 2005. Disponível em: bit.ly/3as54Glgoldvarb.
- SANTOS, F. R. *História do Amapá*. Macapá: Valcan, 1994.
- SAUSSURE, F. *Curso de lingüística geral*. São Paulo: Cultrix, 1995 [1916].
- SCHERRE, M. M. P. *A regra da concordância de número no sintagma nominal de Porto Alegre*. 1978, 158 f. Dissertação (Mestrado em Letras), Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1978. (*mimeo*)
- SCHERRE, M. M. P. *Reanálise da concordância nominal em português*. 1988. Tese (Doutorado em Linguística). Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1988. (*mimeo*)
- SCHERRE, M. M. P. Aspectos da concordância de número no português do Brasil. *Revista Internacional de Língua Portuguesa*. Associação das Universidades de Língua Portuguesa. Vol. 11, N. 12, p. 37-49. dez., 1994.
- SCHERRE, M. M. P.; NARO, A. J. Mudança sem mudança: a concordância de número no português brasileiro. *Scripta*, Belo Horizonte. Vol. 9, N. 18, p. 109-131, mar., 2006.
- TARALLO, F. *A pesquisa sociolinguística*. São Paulo: Ática, 1985.

VIDEIRA, P. L. *Marabaixo, Dança Afrodescendente: reconstruindo a identidade étnica do negro amapaense*. Fortaleza, CE: Relatório de Pesquisa. 2004

VIEIRA, S. R.; BRANDÃO, S. F. Tipologia de regras linguísticas e estatuto das variedades/línguas: a concordância em português. *Linguística*, Vol. 30, N. 2, p. 81-112, 2014.

VIEIRA, S; BRANDÃO, S. *Ensino de gramática: descrição e uso*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2019. 262 p. ISBN 978-85-7244-347-0.

WEINREICH, U; LABOV, W.; HERZOG, M. *Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística*. Trad. de Marcos Bagno. São Paulo: Parábola, 2006 [1968].